



tricentenária Casa Batalha, por quanto tempo serei capaz de a lembrar como uma relíquia anónima, presente e desconhecida? E os Grandes Armazéns Grandella, com as suas empregadinhas a sonharem ao balcão telenovelas de todo o ano?

É possível definir Lisboa como um símbolo. Como a Praga de Kafka, como a Dublin de Joyce ou a Buenos Aires de Borges. Sim, é possível. Mas, mais do que as cidades, é sempre um bairro ou um lugar que caracteriza essa definição e a fidelidade tantas vezes inconsciente que lhes dedicamos. O Chiado, neste caso. A sua geografia cultural, o seu resplendor diurno, a paz provinciana das suas ruas à noite, tanta coisa, tanta coisa.

Ainda hoje, quando entro no Largo Rafael Bordalo Pinheiro, com aquele prédio em fundo decorado de figuras maçónicas, desvio às vezes o olhar para a velha casa que foi o Casino Lisbonense, onde tiveram lugar as *Conferências Democráticas* que declararam encerrada a nossa sociedade de Oitocentos. Antero, José Fontana, Eça e Oliveira Martins ocorrem-me



imediatamente porque foram eles que naquelas salas fizeram o grande *pronunciamento* da modernidade do país.

E se desço alguns metros e me vejo no Largo do Carmo, com o chafariz ao centro salpicado de passarinhos, então alguma coisa muito vertical me suspende por inteiro porque foi nesse lugar que vivi o momento mais comovedor da minha vida de cidadão. Largo do Carmo do ano de 74, quem o pode esquecer? Era Primavera e a capital proclamava a Revolução dos Cravos diante dos donos da Ditadura encurralados num quartel.

Volto lá vezes e vezes depois do incêndio. As chamas não chegaram até ali, pombas minuciosas cobrem o largo e ouve-se água a correr. Chiado, a paz depois do tumulto. Que feliz um lugar como este que, apesar de sismos e de chamas, teve a fortuna de ser o palco da hora que libertou um país.

Olho e recorro, mas há uma parte dele que está desfigurada para sempre. E isso dói, não esquece. Quando aquelas cicatrizes se tiverem fechado, como será este rosto de mim mesmo?

O ascensor para o inferno

Lawrence Ferlinghetti, meses depois do incêndio, subindo o Elevador de Santa Justa que ele julgava ter sido projectado por Eiffel:

*O homenzinho com olhos de peixe
tomou o famoso elevador de Monsieur Eiffel
para subir e baixar e baixar e subir
mas enganou-se no botão
obedecendo aos arquivos da cidade
e desceu e desceu em vez de subir
até ao inferno do senhor Dante
e nunca mais se soube dele
e nunca mais tornou a ser visto
o homenzinho dos olhos de peixe
desapareceu para todo o sempre
apesar de haver ainda um estranho odor a peixe morto
em certos dias...*

Quando o cheiro a podre deixou de se sentir, o social-cristianíssimo Presidente do Município daquela época pôs o colar de alto dignitário e subiu de elevador às ruínas do incêndio do Chiado para declarar a cidade livre de perigo. Mas lá em cima foi sacudido por um golpe de vento corsário e acto contínuo ficou com olhos de peixe monstro e a libertar o mesmo cheiro a podre que ainda há dias cobria a cidade.

Lawrence Ferlinghetti nunca soube que o Presidente era o mesmo homenzinho de olhos de peixe que viajou no seu poema a caminho do inferno do senhor Dante. Nem que a população se vira obrigada a expulsá-lo para se libertar do cheiro que ele tresandava da alma.

